



Da Constituição ao Partido Democrático

1911

Pretender equiparar o espírito revolucionário da Rotunda com o espírito revolucionário da Revolução Francesa é incorrer perante a sociologia e perante a história em tão imbecil equívoco como seria em zoologia o de confundir uma lombriga com uma cobra cascavel. No dia 5 de Outubro, em Portugal, não havia opressão e não havia fome... Os famosos princípios da Revolução Francesa, leit-motiv de toda a cantata revolucionária de Outubro último, são, precisamente, os que vigoram em toda a política portuguesa, desde o advento da revolução liberal de 34 até aos nossos dias
(Ramalho Ortigão em Julho de 1911)

É absurdo e artificioso denominar as cores azul e branca como cores da Carta outorgada, quando elas, pelo contrário, têm o carácter constituinte e democrático que lhes deu a Revolução de 1829, a qual é a mãe de tudo, em matéria de liberdade e democracia em Portugal, até do 31 de Janeiro no Porto e até do 5 de Outubro em Lisboa
(Sampaio Bruno)

● **Da lei de ferro da oligarquia à lei da separação** – No ano em que Robert Michels lança em Leipzig *Zur Soziologie des Parteiwesens in der modernen Demokratie*, onde considera que a democracia gera oligarquia, porque *quem diz organização diz oligarquia*, o governo provisório cumpre a sua tarefa e o jovem regime institucionaliza-se, tanto pelas eleições como pela aprovação de uma nova Constituição, quando já há 5 960 060 portugueses no continente e ilhas. Com um novo presidente da república, Manuel de Arriaga, surge também o primeiro governo constitucional, presidido por João Chagas, enquanto o Partido Republicano Português se fragmenta, entre os afonsistas e os adeptos do bloco que elegeu Arriaga. Surge também a primeira incursão monárquica, liderada por Paiva Couceiro, facto que desencadeia a queda do governo, sucedendo-lhe novo gabinete, presidido por Augusto de Vasconcelos. A principal *vaca sagrada* do regime e é a chamada *Lei da Separação do Estado das Igrejas*, de 20 de Abril. Os respectivos defensores chamar-lhe-ão *lei intangível*, os adversários, *lei celerada*. Magalhães Lima qualificá-la-á como a *lei basilar da República*. Mas o decreto não passa de uma simples *tradução em calão* de vários diplomas estranhos à nossa índole, franceses (1905), mexicanos e brasileiros.

● **Do barão da sola a Churchill** – Enquanto isto, o chamado *barão da sola*, Manuel Joaquim de Sousa (1883-1945) publica *Sindicalismo e Acção Directa*, no ano do assassinato de Stolipine (18 de Setembro), quando a Mongólia Exterior, com apoio dos russos, proclama a independência face à China (18 de Novembro) e a Câmara dos Lordes britânica deixa de ter poder de veto sobre as decisões da Casa dos Comuns em matérias orçamentais (21 de Fevereiro de 1911). Em França demite-se o governo de Briand (27 de Fevereiro), enquanto tropas francesas entram em Fez, invocando a necessidade de pacificação de Marrocos, marcado por lutas ditas tribais. Segue-se a

intervenção de forças espanholas noutras regiões da área (19 de Maio). Dá-se a coroação do rei Jorge V em Londres (22 de Junho) e a viragem à esquerda no governo francês, pela nomeação de Caillaux como Presidente do Conselho, com um gabinete de radicais-socialistas (28 de Junho). Já os italianos lançam um ataque àquilo que é a Tripolitânia turca (28 de Setembro), ocupando Tripoli no dia 5 de Outubro. Por seu lado, Winston Churchill acede ao governo britânico como primeiro lorde do Almirantado (23 de Outubro), seguindo-se um acordo franco-alemão sobre Marrocos (4 de Novembro).

● **Agitação** – António José de Almeida, em 6 de Janeiro, apresenta, no conselho de ministros, um projecto sobre o horário de trabalho, que não é aprovado. Ameaça demitir-se. Multiplicam-se as greves e surgem conflitos violentos entre sindicalistas e republicanos. Greve dos ferroviários do Sul e Sueste em Janeiro, pelas 8 horas de trabalho, com o governo a mandar ocupar militarmente a estação do Rossio.

● **Caixeiros vão ao Terreiro do Paço** dando vivas a António José de Almeida (11 de Janeiro). Teófilo responde aos manifestantes, anunciando a permanência de Almeida no governo, *em face da atitude do povo*.

● **Greve da companhia de gás** – Governo manda ocupar militarmente as instalações. *Os comboios parados e mais greves, a da luz, a dos metalúrgicos e outras. E gente que foge, gente que prevê o saque, enquanto outros ameaçam com a greve geral. Ontem corria que os do caminho-de-ferro, se o Brito Camacho vai à reunião, o deitavam da janela à rua* (Raul Brandão).

● **Parada na Rotunda** dos batalhões de voluntários da república, organizados pelo *jovens turcos*, contra as greves (15 de Janeiro). Descem para o Terreiro do Paço, na presença do próprio ministro da guerra.

● **Começa a publicar-se o jornal República** – Brito Camacho considera que o povo despertara, com as manifestações contra as greves, e que assim os grevistas prestaram um serviço à República (17 de Janeiro). E a implantação do regime mede-se pelo grau de aceitação tácita do mesmo.

● Decreto sobre o **registo civil obrigatório** (18 de Fevereiro).

● **A questão católica** – Ataques às sedes de movimentos católicos. CADC interrompe a respectiva actividade (1 de Fevereiro). No dia 22 de Fevereiro, pastoral colectiva dos

bispos, nascida da reunião de S. Vicente de Fora de Novembro, é mandada ler nas missas do domingo, dia 26, sem se obter a prévia autorização do governo.

● A pastoral, onde se fala da *feiçãõ não só acatólica, mas anticatólica* das reformas republicanas, é da autoria do arcebispo de Évora, sendo datada de 24 de Dezembro de 1910. Invoca a existência de cinco milhões de católicos, partindo da declaração constante nos boletins de recenseamento, onde apenas cinquenta mil pessoas se declaram não católicas.

● Como resposta imediata, a população, nesse domingo, assalta e destrói o jornal católico de Viseu.

● **Cientificismo positivista** – *Atendendo a que as ciências entraram definitivamente no período da sua emancipação de todos os elementos estranhos à razão, e atendendo também a que estão destinadas a imperar pelo poder incruento e irredutível da verdade demonstrada, a qual acabará com as dissidências das escolas dogmáticas que têm até hoje dividido os indivíduos e os povos* (Preâmbulo de decreto de 21 de Janeiro de 1911 que suprime o culto religioso na capela da Universidade de Coimbra).

● **Divisões entre os republicanos** – João Chagas demite-se, em 15 de Fevereiro, da junta consultiva do partido republicano, considerando que esta e o directório deixaram de ter qualquer influência no governo provisório. O que aconteceu com a elevação a ministros de José Relvas (12 de Outubro) e Brito Camacho (22 de Novembro). O governo provisório transformava-se numa *espécie de primeiro parlamento da República* (Bourbon e Meneses). Sampaio Bruno, depois de receber ameaças, suspende a publicação do *Diário da Tarde* no Porto (17 de Fevereiro). Declara-se, então, *completa e absolutamente enojado da política*

portuguesa e retira-se. Se, contra ele, logo protestam carbonários.

● Também é de salientar o apoio público que recebe de Machado Santos e José Relvas. Paulo Falcão manda comparecer Bruno numa esquadra de polícia, no dia 17, acusando-o de *alarmar o espírito público*, por ter escrito que *a cidade se achava numa situação intolerável*. Bruno parte para o exílio de Paris.

● Outro republicano histórico portuense que se retira é Basílio Teles, quando reconhece que *é tratado de mentecapto*.

● **Afonso Costa energicamente anticlerical** – Em 3 de Março, reacção enérgica de Afonso Costa contra a pastoral dos bispos tornada pública em 22 de Fevereiro. Manda telegrama a todos os prelados onde declara negar o *beneplácito à pastoral*. Bispos impõem silêncio ao respectivo clero, à excepção de D. António Barroso no Porto, salientando que o beneplácito diz apenas respeito à publicação de documentos da Santa Sé. O bispo do Porto, no dia 6, é intimado a comparecer em Lisboa no dia seguinte. *É uma grande figura de bondade. Dá tudo o que tem. Mão para aqui, mão para ali, vai até aos últimos vinténs* (Raul Brandão).

● Já na capital é apupado na Rua do Ouro, no mesmo dia 7 em que são interrogados na capital do Norte 30 sacerdotes. Bispo é afastado da diocese por decisão do Conselho de Ministros e desterrado em Cernache do Bonjardim, em 8 de Março.

● **O jacobinismo postiço** – *O jacobinismo que existe é todo postiço e em sujeitos de colarinhos engomados e gravatas de luxo* (Machado Santos em *O Intransigente* de 21 de Maio).

● **Decreto eleitoral** (14 de Março). Para desespero dos monárquicos *adesivos*, nomeadamente dos dissidentes progressistas, não se retoma a lei eleitoral de 1884, como esperavam. Pelo contrário, a nova lei mantém o estilo proteccionista do poder governamental introduzido pela *ignóbil porcaria* de 1901. Nos círculos onde não aparecessem oposições não haveria acto eleitoral. Depois de vários protestos, entre os quais, o de Machado Santos, o governo determina que o acto eleitoral se realize em Lisboa

● **Conspira-se** no Porto (15 de Março) – Fala-se numa intervenção espanhola e teme-se que queiram fazer uma *barcelonada*. Fervem os boatos. Guerra Junqueiro diz, sobre o governo provisório: *esta gente tem a habilidade de pôr toda a burguesia contra nós... à República falta idealismo e grandeza*. Sobre a intervenção espanhola, Junqueiro observa que *a Espanha não digere Portugal vivo; a Espanha só pode digerir o cadáver de Portugal* (Raul Brandão)

● **Mais turbulências** – Forte repressão policial de greve ocorrida em Setúbal (13 de Março). Mortos dois trabalhadores pela GNR. Como vai assinalar o periódico anarquista *Terra Livre*, uma semana depois, *o 13 de Março é pois uma data que marca o divórcio da República com o proletariado*. No dia 20 de Março, as organizações sindicais decretam uma greve geral que fracassa.

● **A ditadura reformista** – Criação das universidades do Porto e de Lisboa (22 de Março). Criadas as escolas normais primárias. Determina-se, contudo, que será proibido o exercício do magistério primário particular aos cidadãos que ensinarem doutrinas contrárias às leis do Estado, à liberdade dos cidadãos e à moral social (29 de Março). Inocêncio Camacho Rodrigues, secretário-geral do ministério das finanças e irmão de Brito Camacho, é nomeado governador do Banco de Portugal (2 de Abril). Manter-se-á em tal posto até 30 de Junho de 1936, apesar do escândalo Alves dos Reis em que foi ludibriado. Decreto cria o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado. Transformado em Conselho Superior de Finanças em 8 de Maio de 1919 (11 de Abril).

● **Ensino do direito** – Nomeada uma comissão para a reorganização do ensino do direito, composta por Álvaro Vilela, Marnoco e Sousa e José Alberto dos Reis. Dela surgirá o regulamento de 21 de Agosto de 1911 (18 de Abril). Atribuída à Universidade de Lisboa, em 19 de Abril, uma Faculdade de Ciências Económicas e Políticas, depois dita Faculdade de Estudos Sociais e Direito (1913) e Faculdade de Direito (1917).

●**Lei da Separação da Igreja e do Estado** (20 de Abril) – Os respectivos defensores chamar-lhe-ão *lei intangível*, os adversários, *lei celerada*. Magalhães Lima qualifica-a como a *lei basilar da República*. O decreto foi inspirado pela legislação republicana francesa (1905) e brasileira, sendo menos radical que a lei mexicana. Abrange pela primeira vez o clero secular, ao contrário da legislação anticlerical da monarquia liberal. São extintas as cóngruas. Criadas associações culturais, de que os párocos são excluídos. Nacionalizadas as propriedades eclesiásticas. Atribuídas aos clérigos pensões vitalícias anuais. Proibição do uso público de vestuário eclesiástico aos padres portugueses (os *inglesinhos* continuaram a usar as respectivas vestes). Estabelecido o beneplácito para os documentos emitidos por Roma e pelos bispos.

●A maioria dos padres mantém-se fiel à hierarquia episcopal. Em 7 de Agosto, só 217 deles tinha aceite pensões do Estado (cerca de 20%). Este diploma vai levar ao rompimento das relações com a Santa Sé.

●**Contra o preconceito positivista** – Fernando Pessoa critica frontalmente tal tentação anticlerical, salientando que o *vago misticismo que nos caracteriza – e que é de todo ausente do espírito francês – não pode ser desdenhado, com risco de preparar uma reacção tremenda. Incutir o positivismo à alma portuguesa é esforçar-se por matá-la. O português pode não ter necessidade de crer, mas tem, sempre, de divagar e sonhar, reconhecendo que temos idiotas que ignoram que “Os Enigmas do Universo” é uma obra em grande parte metafísica, tal como o problema da imortalidade da alma é puramente metafísico; nada tem com a ciência.*

●**Uma lei estúpida** – Segundo Raúl Brandão, Guerra Junqueiro terá dito que *a lei é estúpida, dignifica o padre, e vai ferir o sentimento religioso do povo português...Havia a convidar o padre com bons modos a sentar-se à mesa e depois convidá-lo amavelmente a comer. Que fez o Afonso Costa? Antes de lhe dar de comer, pespegou-lhe uma bofetada na cara e um pontapé no traseiro.*

●**Reunião dos párocos de Lisboa** contra a Lei da Separação (25 de Abril). Reunião dos padres de Évora em 28 de Abril. Novo

protesto colectivo dos bispos em 22 de Maio, considerando que a mesma reflecte *injustiça, opressão, expoliação, ludíbrio*. Carta de Pio X. Encíclica *Jandudum in Lusitania* fala em *ódio à Igreja em Portugal* e em *famílias acossadas* (24 de Maio).

●**Eliminar completamente o catolicismo** – Afonso Costa numa reunião da maçonaria, em 26 de Março, diz que o Estado é maior do que a Igreja e que esta contabilizou como católicos *as crianças que nem falavam, os idiotas, os presos da Penitenciária, os doidos de Rilhafoles, os vadios, quantos por falta de domicílio, de posição ou de consciência não tinham tido intervenção no detalhe dos boletins*. O influente ministro, nessa reunião do Grémio Lusitano, também terá declarado, sobre o projecto de lei da separação, que *está admiravelmente preparado o povo para receber essa lei; e a acção da medida será tão salutar que em duas gerações Portugal terá eliminado completamente o catolicismo, que foi a maior causa da desgraçada situação em que caiu ... Saiba ao menos morrer quem viver não soube*. Tal discurso foi anunciado pelo jornal *O Dia*. Bernardino Machado diz que Afonso Costa falou como simples particular e não como ministro. Por isso, em conferência de 11 de Abril, tenta acalmar a primeira impressão deixada (1 de Abril).

●**Afonso Costa em causa** – Afonso Costa visita o Porto e Braga (de 22 a 26 de Abril). Logo a seguir, fica gravemente doente até ao mês de Julho, sendo, mais uma vez, substituído por Bernardino Machado. Guerra Junqueiro, segundo o testemunho de Raúl Brandão, considera que Afonso Costa *é um homem admirável e perigoso...É um ciclone e um cronómetro...Depois de tomar uma decisão, esse homem é frio, matemático, cronométrico*. Mas mais polémica é a posição por ele assumida no Porto em 25 de Abril, quando, segundo os respectivos adversários, o ministro da justiça terá considerado que as religiões estão condenadas ao desaparecimento. Regressa a Lisboa no dia seguinte e é alvo de manifestações de hostilidade. Oliveira Marques considera que se trata de *atoarda*

que o próprio Afonso Costa desmentiu num discurso pronunciado no parlamento em 10 de Março de 1914. Mas o próprio grão-mestre da Maçonaria, Magalhães Lima proclama, no início do mês de Maio, que, dentro de alguns anos, não haverá quem queira ser padre em Portugal: os seminários ficarão desertos.

●**Tumultos** – Em Abril, há tumultos em Carraceda contra o registo civil e entre os estudantes no Porto, bem como manifestações em Lisboa de operários sem trabalho. Enquanto isto, populares da Freixianda apedrejam propagandistas eleitorais.

●**Mais reformas** – Criadas as Faculdades de Letras de Coimbra (sucede à Faculdade de Teologia) e de Lisboa (sucede ao Curso Superior de Letras) em 9 de Maio. Instituída a Guarda Nacional Republicana, alargada a todo o país, com cerca de cinco mil efectivos. Em 1919 o quadro é alargado para 19 000 homens (3 de Maio). Segue-se o lançamento das Faculdades de Ciências (12 de Maio) e de uma repartição de turismo no ministério do fomento (16 de Maio), enquanto, junto das Faculdades de Letras, são criadas Escolas Normais Superiores (21 de Maio). Já, a partir do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, fundam-se o Instituto Superior Técnico e o Instituto Superior de Comércio (23 de Maio). De referir também o decreto sobre a assistência pública (25 de Maio), bem como a criação de um fundo para apoio a indigentes e luta contra a mendicidade.

●**Criação da nova moeda**, o escudo (22 de Maio) – A reforma tarda em aplicar-se. Só por lei de 21 de Junho de 1913 se torna obrigatória a indicação da nova moeda na contabilidade pública e nas relações entre particulares e o Estado.

●**Decreto sobre a reorganização do Exército** (25 de Maio) – Terá sido inspirado por Pereira Bastos e quer identificar o exército com a *nação armada* de maneira a que deixe de ser uma *casta à parte*, contra os chamados *exércitos permanentes*. Tenta-se o modelo suíço, com serviço universal e obrigatório de 15 a 30 semanas e treinos anuais de duas semanas durante dez anos, dizendo que este seria uma *continuação da instrução primária*, ao mesmo tempo que se criam

oficiais milicianos. O diploma não se aplica.

●**Decreto sobre a liberdade de venda e fabrico de pão** (27 de Maio) – Segundo a lei de 1893 existia em Lisboa um limite máximo de 250 padarias que viviam em regime de monopólio de facto, pela *Companhia de Panificação*.

●**Afonso Costa suspende actividade** – *Carbonários armados velam às esquinas das ruas*, no dia em que Afonso Costa suspende as funções de ministro, por se encontrar gravemente doente (23 de Maio). Só reassume essas funções em 26 de Julho seguinte, sendo substituído interinamente por Bernardino Machado que corrige alguns aspectos da aplicação da Lei da Separação, nomeadamente quando permite aos párcos voto consultivo na administração da paróquia e permite as romarias do Norte. Em 25 de Julho chega mesmo a convidar o clero a pronunciar-se sobre a Lei da Separação. Anula também a decisão de transferência para Goa e Luanda dos juízes que despronunciaram João Franco.

●**Cheira a contra-revolução** – Raúl Brandão observa em 17 de Maio que *está anunciada a contra-revolução para estes dias. As prisões estão cheias*. Reflectindo a crispação o jornal *O Mundo* divide os portugueses em dois grupos: dum lado, os *rebeldes e traidores*; do outro, os *patriotas e portugueses*. Tudo por causa da Lei da Separação.

●**Criação dos Voluntários da República** – Anunciando-se uma incursão monárquica, são criados, em Maio, os *voluntários da República*, enquadrados pela Maçonaria e pela Carbonária. Assim, surgem *batalhões* em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Chaves, Mirandela e Santarém, sendo cada um deles comandado por um oficial do exército e distribuindo-se armas a essa milícia de defesa do regime que continua os delírios das Guardas Nacionais do setembrismo, cenas que tentarão repetir-se no salazarismo, com a chamada Legião Portuguesa, e com o abrilismo anterior ao 25 de Novembro de 1975, quando Otelo Saraiva de Carvalho tentava deixar metralhadoras *em boas mãos revolucionárias*. Estes batalhões serão a base da chamada *formiga branca*, dos *defensores da República* e do *grupo dos treze*, nomes

vários das milícias afectas ao partido democrático. Neste ambiente, o chefe carbonário Luz de Almeida leva 5 000 homens para *catequitização* do Norte.

●106 prisões políticas durante o mês de Maio. 37 padres presos.

●**Excitação** – *A excitação aumenta. São chamados reservistas. No Porto concentram-se tropas. Muitos oficiais recebem três manifestos de Couceiro. Os carbonários guarnecem as fronteiras* (Raul Brandão, em 29 de Maio).

●**Aliança Nacional** – Sampaio Bruno, Basílio Teles e Machado Santos tentam criar uma *Aliança Nacional*, em Maio, dizendo que querem fazer eleger, homens honrados para acabarem com o domínio dos *provisórios*, em defesa de *uma república ampla e aberta a todos os portugueses com cérebro e coração de portugueses*, mas não aos *serventúrios impudentes da Monarquia*. Machado Santos pede o fim da *ditadura dos provisórios* e a demissão do directório, em 30 de Maio. Na Sociedade de Educação Popular de Alcântara, com apoio da assembleia, insurge-se também contra a existência de um Presidente da República e de um Senado, considerando que a presidência era uma ideia dos *adesivos* (6 de Junho).

●**Perseguidos republicanos históricos** – Suspenso *O Povo de Aveiro* de Homem Christo que é preso e conduzido a Lisboa. Sampaio Bruno, depois de receber ameaças, dá por finda a publicação do *Diário da Tarde* no Porto. Declara-se, então, *completa e absolutamente enojado da política portuguesa* e retira-se. Contra ele, protestam carbonários. É apenas defendido por Machado Santos e José Relvas.

●Já o governador civil, Paulo Falcão, manda comparecer Bruno numa esquadra de polícia, no dia 17 de Janeiro, acusando-o de *alarmar o espírito público* por ter escrito que *a cidade se achava numa situação intolerável*. Bruno parte para o exílio de Paris.

●**Basílio Teles é espancado e apedrejado** nas ruas do Porto por ter criticado a obra do governo provisório (Maio). É então adepto do modelo de *ditadura revolucionária*, defendendo a restauração da pena de morte, a suspensão das garantias por tempo indeterminado e o encerramento dos

estabelecimentos de ensino até à sua reestruturação republicana.

Dem. 60		Evol. 34
	234 dep. Dados de Dez. de 1912	Union. 25
Soc. 3		
Ind. 19		

●**Eleição nº 46** (28 de Maio) – Eleição da Assembleia Constituinte. A feitura das listas cabe ao Governo Provisório. Apesar de não haver candidatos da oposição em Lisboa, realiza-se aí o acto eleitoral. 846 801 eleitores (14,2% da população total), mas apenas 250 000 votantes.

●Vitória esmagadora do PRP que ainda se apresenta unido. O PS, candidatando-se em 12 círculos, apenas recolhe uns escassos 4000 votos. 204 deputados fora dos círculos plurinominais de Lisboa e do Porto (nestes 30 deputados) com 48 deputados em representação das minorias.

●As eleições decorrem nos termos dos decretos com força de lei de 14 de Março, 5 e 20 de Abril, bem como de 11 e 13 de Maio de 1911, da responsabilidade do ministro do interior, António José de Almeida. Estabelecem-se 47 círculos eleitorais no Continente, 4 nas ilhas e 11 nas colónias. Cada círculo continental abrange em média 116 883 habitantes, reunindo, também em média, cinco concelhos. O sufrágio é secreto, facultativo e directo. Vigora o regime da lista incompleta, *escrutínio de listas de 3 nomes para a eleição de 4*. Segue-se o método de Hondt em Lisboa e no Porto. Em cada uma destas duas cidades, há dois círculos, cada um com dez deputados.

●O sufrágio é quase universal, capacitário. Com efeito, dá-se o alargamento da condição de eleitor a cidadãos com mais de 21 anos que saibam ler e escrever ou que, não o sabendo, sejam chefes de família há mais de um ano.

●Mas o modelo eleitoral utilizado pouco tem a ver com o tradicional programa sufragista dos republicanos, mantendo-se o essencial da *ignóbil porcaria* de Hintze Ribeiro, porque os republicanos temem as massas rurais. Daí que Sampaio Bruno, tal como Alexandre Herculano por ocasião da primeira lei

eleitoral da Regeneração, lembre que ninguém tinha pedido o certificado de instrução primária aos *que tinham ido morrer à Rua de Santo António e à Rotunda* (Vasco Pulido Valente). Mas o governo republicano sente a hostilidade da província e prefere os grandes círculos plurinominais e as listas colectivas.

• Quando no jornal *O Mundo* a ala radical do partido, em nome da tradição federalista, critica António José de Almeida, este vem a terreiro em 17 de Março dizendo que o modelo havia sido proposto pelo Governo bem como pelo directório e pela junta consultiva do partido, com o apoio das comissões municipal e paroquiais de Lisboa, pelas outras comissões locais, pelos presidentes de câmara e pelos dezoito governadores civis do continente.

• Dos 220 deputados previstos, 91 são efectivamente *nomeados*, porque segundo o decreto de 14 de Março, considerou-se desnecessária a realização do acto eleitoral nos círculos onde não se apresentassem candidaturas da oposição. Contudo, apesar de não haver candidatos da oposição em Lisboa, realizou-se aí o acto eleitoral, face aos protestos desencadeados.

• A Assembleia Nacional Constituinte, estará reunida de 19 de Junho a 18 de Agosto, transformando-se a partir de então em Congresso da República.

• Numa primeira fase há 229 deputados do Partido Republicano Português, 3 independentes e 2 socialistas.

• Numa segunda fase, os deputados do PRP dividem-se: 121 passam para o chamado *bloco* dos apoiantes de António José de Almeida e Brito Camacho; 86 apoiam Afonso Costa.

• Em Dezembro de 1912, haverá: 60 deputados afonsistas (42%), 34 almeidistas (25%), 25 camachistas (18%), 19 independentes, 3 socialistas e 1 da Integridade Republicana.

• É a seguinte a distribuição das principais profissões dos parlamentares: 47 militares; 25 funcionários civis; 48 médicos; 24 advogados; 11 professores universitários; 12 professores de outros graus de ensino; 8 comerciantes; 8 jornalistas; 6 farmacêuticos; 5 magistrados; 3 solicitadores; 2 empregados do comércio; 2 estudantes; 2 padres; 1

regente agrícola; 1 veterinário; 1 engenheiro; 1 barbeiro; 1 operário.



• **Primeira reunião da Assembleia Nacional Constituinte** em 19 de Junho, quando se confirma a legitimidade do governo provisório, se decreta a abolição da monarquia, com o banimento dos Braganças, e se instituem os novos símbolos nacionais, da bandeira ao hino, enquanto há *grande massa de povo nas ruas* (19 de Junho).

• Anselmo Braamcamp Freire é eleito presidente da Constituinte (20 de Junho) e o Governo provisório apresenta à Assembleia Constituinte um relatório da respectiva actividade que é aprovado por unanimidade (21 de Junho).

• O deputado José Barbosa, um caboverdiano almeidista, logo apresenta um projecto presidencialista, inspirado no sistema brasileiro. Outros surgem, como os de Machado Santos, Brito Camacho, João Gonçalves, Boto Machado, Goulart de Medeiros, Nunes da Mata, do advogado Cunha e Costa, que nem sequer era deputado, e de Teófilo Braga que, a título de curiosidade, apenas previa a existência de quatro ministérios: ordem e educação pública; riqueza e economia pública; defesa e segurança pública; bem como justiça e relações internacionais.

• Eleita, em 23 de Junho, comissão para apresentar projecto de Constituição, formada por João Duarte de Meneses, José Barbosa, José de Castro, Francisco Correia de Lemos e Magalhães Lima, o relator. Esta comissão apresenta projecto presidencialista que é rejeitado (3 de Julho). A discussão começa a 6 de Julho.

• **A questão da bandeira** – O deputado Eduardo de Abreu defende a bandeira azul e branca e a revisão da Lei da Separação (26 de Junho).

● **Sangue e erva** – Fernando Pessoa, muito violentamente, fala na *conspiração espiritual e naquele ignóbil trapo que é contrário à heráldica e à estética, porque duas cores se justapõem sem intervenção de um metal e porque é a mais feia coisa que se pode inventar em cor. Está ali contudo a alma do republicanismo português – o encarnado do sangue que derramaram e fizeram derramar, o verde da erva de que, por direito mental, devem alimentar-se.*

● **O medo da conspiração** – O deputado Alfredo Magalhães denuncia, em 28 de Junho, o avolumar da conspiração monárquica na Galiza, culpando a *política de atracção* de António José de Almeida. Os *jovens turcos* também se insurgem contra a falta de zelo republicano do ministro do interior. Nesse mês o Ministério da Guerra mobiliza 10 000 reservistas e incentiva carbonários a formarem batalhões civis de apoio às tropas destacadas na província.

● **Prisões e repressões** – 120 prisões políticas durante o mês de Junho. 32 padres são detidos. Paço episcopal da Guarda é cercado pela polícia e pela carbonária durante 13 dias, sequestrando-se D. Manuel Vieira Matos (Junho).

● **Entra em vigor a Lei da Separação** – Em Lisboa, há *animação desusada... a sensibilidade da cidade chegou ao auge. Gente oferece-se para partir para a fronteira, onde toda a hora se espera a incursão de Couceiro* (1 de Julho).

● **O Mestre de Avis da República** – Machado Santos promovido a capitão de mar e guerra, por votação da Constituinte em 6 de Julho. Seguem-se comícios de homenagem ao *fundador* nos dias 7 e 12. No dia 15 é-lhe oferecido um jantar. *Parecia uma espécie de Mestre de Avis da República. O Intransigente* considera que a presidência do Sr. Bernardino Machado, com um gabinete de Afonso Costa, seria a guerra civil no País (23 de Julho).

● **Conflitos constitucionais** – Sucessivos confrontos *lunáticos* entre várias sensibilidades republicanas: federalistas contra unitários, presidencialistas contra parlamentaristas e unicameralistas contra bicameralistas (19 de Junho). Grupo federalista, defensor do modelo suíço,

representado por Teófilo Braga, Maia Pinto, Fernando Botto Machado e Alves da Veiga, acaba, no entanto, derrotado pelo grupo defensor do *Estado Unitário*, liderado pelos professores de direito Barbosa de Magalhães e Joaquim Pedro Martins, apoiados por António Maria da Silva.

● **Afonso Costa reassume** as funções de Ministro da Justiça, onde, desde Abril, havia sido substituído por Bernardino Machado (26 de Julho).

● 118 prisões políticas durante o mês de Julho. 22 padres são presos.

● **Manifestação em São Bento com cerco à Constituinte** em defesa de um sistema unicameral, comemorando a manifestação da Liga Liberal, anterior à implantação da República (2 de Agosto). *A intriga política desencadeada: manifestações, conflitos, protestos. Hoje, a multidão dirigiu-se para o palácio das Cortes, numa atitude agressiva contra o Governo. Oito meses depois da revolução são assacados os máximos insultos contra os representantes do povo* (Raul Brandão, 2 de Agosto). A movimentação é promovida pela *Assembleia Popular de Vigilância Social*. Há vaias para Brito Camacho e Machado Santos, sendo aplaudidos Afonso Costa e Bernardino Machado. Intervenção da GNR e batalha campal. 56 presos. Os radicais são acusados por *O Mundo* de serem arrastados por agitadores monárquicos. Segundo a observação de Carlos Malheiro Dias, os *burgueses* do partido roubam a *plebe* aos que fizeram o 5 de Outubro

● **A Constituição** – Constituinte vota a criação do Senado em 3 de Agosto e da presidência no dia 4. Há uma maioria de moderados contra os radicais. Finalmente, é aprovada a Constituição (21 de Agosto).

● **Excitação** – *A política excitada, a rua excitada, os conspiradores na fronteira... a luta é feroz, os ódios cada vez maiores* (Raul Brandão). Tanto se propagandeia o anarquismo, como circulam os manifestos de Paiva Couceiro, enquanto os católicos se mobilizam contra a Lei da Separação, ao mesmo tempo que se funda um ministério das colónias (23 de Agosto).

● **Eleição do Presidente da República** (24 de Agosto) para presidente, procurando comemorar-se a própria data da chamada

revolução liberal de 1820. Surge a cisão da unidade republicana, quando 121 deputados elegem Manuel de Arriaga presidente da República, o chamado *bloco*, com apoiantes de António José de Almeida e Brito Camacho, contra os 86 que secundam Afonso Costa e apoiam Bernardino Machado.

• Também se candidatam Sebastião de Magalhães Lima, Anselmo Braamcamp Freire.

• *O Mundo* considera o bloco como uma *coligação de ódios*. Já João Chagas, então em Paris, confia a Ladislau Parreira: *uma República que devia ser viril e que resulta senil*. José Carlos da Maia esforça-se mesmo por candidatar Chagas à presidência, contando com o apoio de Machado Santos. Tenta depois José Relvas, também frustradamente. Considera então ser possível mobilizar os camachistas, mas nunca António José de Almeida, que se considera comprometido com Arriaga. Maia revela particular azedume contra Afonso Costa, França Borges e Bernardino Machado.

• **Um romântico** – Raúl Brandão que visita Manuel Arriaga, diz dele: *o velho, que mantém certa aparência de rigor, com a cabeleira branca, a pêra branca, e a sobrecasaca antiquada, é uma figura arrancada a um quadro romântico. Tudo mudou, a sociedade que é egoísta, os homens, que são ferozes – só ele se conserva inalterável e ingénuo*

• Os deputados elegem também um **Senado** (24 de Agosto). De acordo com a Constituição, os deputados elegem entre eles os senadores (71), constituindo-se assim a segunda câmara.

• **Democráticos** (29 de Agosto) – Constituído o Grupo Parlamentar Democrático, liderado por Afonso Costa, que os adversários logo alcunham de *grupo dramático*. O respectivo programa será publicado em 4 de Setembro. São mobilizados 57 dos 152 deputados e 22 dos 71 novos senadores.

• Emitido **manifesto do Partido Socialista** (31 de Agosto), dirigido *Aos dirigentes da Governação na República Portuguesa*, onde se considera como a *única oposição possível e eficaz dentro da actual democracia e, em nome das classes*

proletárias. Elogiam o projecto do deputado Manuel José da Silva sobre a criação de um Instituto do Trabalho Nacional. Declaram serem *impolíticas e até traidoras aos ideais republicanos todas e quaisquer cisões ou dissidências que se continuem alimentando entre os dirigentes mais em evidência na pública governação do país*.

• **Toda a nossa vida é artificial** – Raúl Brandão observa: *toda a nossa vida é artificial: se há um ano mau, é preciso importar trigo...As colónias não nos mandam açúcar nem algodão que chegue...As máquinas e o carvão vêm de fora e pagam-se a ouro que não temos e o Brasil pela emigração nos remete. Vendemos gente. A cortiça, de que somos os maiores produtores na Europa (40 por cento), sai em bruto para a Alemanha, que a manipula e a espalha no mundo...Podemos aguentar-nos?... (31 de Agosto).*

• **Governo nº 57** (3 de Setembro) **João Pinheiro Chagas** (70 dias, cerca de dois meses e meio). O presidente Arriaga, depois de tentar um governo de *concentração*, que pretendia liderado por Duarte Leite, acaba por escolher um gabinete dito *extra-partidário*, onde a maioria dos ministros é camachista, tendo na pasta da guerra, o mais antigo dos generais portugueses, até então comandante militar do Norte, Pimenta de Castro, directamente indicado pelo presidente da república.

• Segundo Guerra Junqueiro, *o programa do Governo escreve-se numa folha de papel de cigarro: - paz religiosa, ordem no orçamento, justiça e verdade*. E *o Chagas é inteligente e hábil e tem vontade de acertar. Ainda que não ame a justiça, vai ser justiceiro por cálculo; ainda que não ame a verdade, vai ser verdadeiro por habilidade*

• O gabinete, tendo a oposição dos afonsistas, acaba por perder o apoio, sempre *frouxo*, dos almeidistas. Grupo parlamentar democrático declara-se em oposição ao governo (7 de Setembro), pouco tempo antes de Afonso Costa inaugurar em Lisboa o primeiro Centro Republicano Democrático (1 de Outubro).

• Presidente acumula o interior e os estrangeiros. Duarte Leite Pereira da Silva (lente de matemática) nas finanças. Sidónio

Bernardino Cardoso da Silva Pais (capitão e lente de matemática) no fomento. João Duarte de Meneses na marinha. Diogo Tavares de Melo Leote (juiz) na justiça. Joaquim Pereira Pimenta de Castro na guerra. Celestino Germano Pais de Almeida (1861-1922) (médico) nas colónias.

●Em 8 de Outubro: o camachista Alberto Carlos da Silveira, coronel do Exército, na guerra que logo se alia aos *jovens turcos*.

●Em 12 de Outubro: Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia (professor de medicina e até então ministro de Portugal em Madrid) nos estrangeiros.

●**Afonso Costa** – *Não quiseram governar comigo, não puderam governar sem mim* (Afonso Costa). Guerra Junqueiro, chegado da Suíça, confessa: *se eles não se entendem (os do bloco e os do Afonso Costa), isto está perdido. Basta que comecem a dizer alto o que há quinze anos dizem baixinho uns dos outros. Divididos em partidos, se desanda, a atacar-se, é como se partissem o Homem Cristo em bocados.*

●**Intentonas, prisões e assaltos** – Presos 40 suspeitos de uma conspiração dita *contra-revolucionária* (19 de Setembro). Jornal *O Mundo* pede *castigos exemplares*. Tentativa de insurreição monárquica no Porto, a conspiração do Palácio de Cristal (29 de Setembro). Assaltados no Porto o seminário e o paço episcopal, sendo encerrada a Associação Católica. Incendiada a sede do Círculo Católico Operário na mesma cidade (1 de Outubro). Incendiada a sede da Associação Católica de Braga (2 de Outubro).

●**Primeira incursão monárquica** – De 1 a 5 de Outubro de 1911 dá-se a primeira incursão de Paiva Couceiro, por Bragança (Soutelinho). Utiliza mil homens, mas apenas um quarto deles está armada. O *paladino* chega à Galiza em Março de 1911 e encontra uma organização aí montada, desde Janeiro, pelo jesuíta padre Gonzaga Cabral e, depois, pelo capitão Jorge Camacho. Há uma forte divisão entre os antigos *rotativos* e *novos monárquicos*. Do programa da conspiração não consta inicialmente a restauração, mas apenas o *despotismo* dos *provisórios* e uma *democratização progressiva*, culminando num plebiscito sobre a forma do regime. Adopta-se mesmo uma bandeira azul e

branca sem as armas reais. Conforme as palavras de um dos manifestos de Paiva Couceiro: *Abaixo os tiranos, e a inquisição vermelha e verde! Viva Pátria e a Liberdade, com a nossa bandeira azul e branca!*

●**A repressão** – Presos monárquicos do Norte, levados para Lisboa, depois de chegarem à estação de Campolide, logo são organizados segundo o modelo da *força caudina*, apoiada pelo *Mundo* de França Borges e criticada pelo *Intransigente* de Machado Santos (7 de Outubro).

●**Remodelação** – Pimenta de Castro é substituído pelo tenente-coronel A. Silveira que, apesar de *camachista*, consegue estabelecer uma aliança com o grupo dos *jovens turcos*, ligado aos democráticos (8 de Outubro).

●**As represálias** – O jornalista monárquico Carlos Malheiro Dias observa então: *durante treze dias, o paladino arrastara atrás dele um séquito de quase dois mil homens, com regimentos, esquadrões e baterias, sobressaltara a República, mas expusera os aliados internos às represálias inflexíveis dos vencedores, levava o desespero a centenas de famílias, atulhara de prisioneiros as fortalezas e as cadeias e deixara a sua Pátria desventurada numa maior miséria...*

●**Mais turbulências** – Imagens das igrejas de Almada são arrastadas pelas ruas (10 de Outubro). Greves rurais em Castelo de Vide e tumultos em Coruche e em Sesimbra (10 de Outubro). Governo solicita suspensão das garantias constitucionais.

●**Tribunais especiais** – Aprovada a constituição de um tribunal especial, o chamado *Tribunal das Trinas* (17 de Outubro). Os democráticos, que queriam medidas mais duras, abandonam o parlamento, em sinal de protesto.

●**Manifestações afonsistas** – Grandes manifestações em Lisboa de apoio a Afonso Costa. Carbonários promovem também manifestação de protesto contra os jornais do *Bloco*, isto é, contra a *República*, *A Luta* e o *Intransigente* (dia 19). Em Outubro, 500 presos políticos.

●**Saneamento de professores** – São demitidos os lentes da Faculdade de Direito de Coimbra Teixeira de Abreu e José Tavares (18 de Outubro). Começam por ser

convidados a meterem licença e acabam expulsos por abandono do lugar. Teixeira de Abreu apenas será reintegrado em 28 de Junho de 1926.

●**Quebra da unidade do partido republicano** – Congresso do PRP no Coliseu da Rua da Palma, o chamado *congresso do Circo dos cavalinhos* (de 27 de até ao dia 30 de Outubro). António José de Almeida e Brito Camacho abandonam a reunião. A reunião, iniciada com 600 delegados, acaba apenas com 280. Eleito directório afecto a Afonso Costa. O partido passa a ser conhecido por *Partido Democrático*, embora Afonso Costa, para simular a unidade do PRP, dissolva o grupo parlamentar com esse nome. Parte dos deputados do *bloco* passa-se para os democráticos. Camacho em *A Luta*, reconhece ser impossível restabelecer-se a unidade do Partido Republicano (3 de Novembro).

●**Mais multidão do que partido** – Como observa Fernando Pessoa, Afonso Costa aprecia o partido republicano *como uma multidão e não como um partido, como um “estado” e não como uma tendência, porque o que o mesmo partido não estava é suficientemente nacionalizado. Era insuficientemente português, posto que insuficientemente republicano.* A parte representada por Costa era *mais meramente política, mais especialmente ocupada em fazer política contra a monarquia do que patriotismo pela República. Representam o ódio à monarquia.* Já a parte liderada por António José de Almeida, *esses tinham ódio à monarquia por causa do amor à República, invocando um espírito português, à maneira de António Nobre e Afonso Lopes Vieira, pelo que a frase “povo português” dita pelo dr. António José de Almeida traz consigo hoje um momento de poesia – num vago sabor com reflexo.* Passou-se para um *partido informe, porque o que está acontecendo é a eliminação dos inúteis do partido que podiam ser úteis para a destruição, mas que para a construção não servem, quando, conforme a perspectiva de Samapaio Bruno o partido devia imediatamente cindir-se nos dois grupos – conservador e radical.*

●**António José de Almeida** e Afonso Costa vão de comboio ao Porto em propaganda (6 de Novembro). Na chegada à capital do Norte, Almeida é insultado e Costa aplaudido. Repete-se a cena no regresso a Lisboa, no dia 6 de Novembro. Manifestantes gritam vários *morras* e Almeida, em *charrette*, tem de sacar da pistola para se defender. Costa vai de automóvel e é ovacionado.

●**União Nacional Republicana** – Como reacção Camacho e Almeida, sob a égide de Aresta Branco, anunciam a criação de uma *União Nacional Republicana* (7 de Novembro). António José em artigo publicado em *A República* de 7 de Novembro retira apoio ao governo e Chagas pede imediatamente demissão a Manuel Arriaga (7 de Novembro). Basílio Teles chega a ser convidado a formar governo, mas recusa, continuando a defender a necessidade de uma ditadura revolucionária.

●**Governo nº 58** (12 de Novembro) **Augusto de Vasconcelos** (216 dias, cerca de sete meses). Reúne três democráticos e quatro homens do *bloco*, um dos quais almeidista, naquilo que uns chamam *governo de concentração* e outros, *aliança contra-natura*, apesar de terem sido mobilizados três médicos. Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia (1867-1951), politicamente próximo de Camacho, é amigo pessoal de Afonso Costa e de João Chagas. Vive-se nova ilusão de aproximar Costa e Camacho, o que vai levar António José de Almeida a romper a projectada *União Nacional Republicana*, logo em Janeiro de 1912.

●**Presidência e Estrangeiros:** Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia. Finanças: o bloquista, pró-Camacho, Sidónio Pais nas finanças. Guerra: o também *camachista* coronel Alberto Carlos da Silveira. Marinha: o *almeidista* Celestino Germano Pais de Almeida. Interior: o médico *camachista* Silvestre Falcão. Justiça: o advogado democrático António Caetano Macieira Júnior. Fomento: o médico democrático José Estêvão de Vasconcelos (1869-1917). Colónias: o democrático José de Freitas Ribeiro (capitão de fragata).

●**Manifestação de carbonários** em Lisboa apoia directório do PRP contra o governo (24 de Novembro).

● **Conflitos com a Igreja** – D. Manuel Vieira Matos, bispo da Guarda é entregue ao poder judicial, acusado de desrespeitar a Lei da Separação (25 de Novembro). Pastoral do episcopado critica o ministro da justiça, em defesa do bispo de Guarda (5 de Dezembro). D. António Mendes Belo é desterrado da diocese de Lisboa, por dois anos (28 de Dezembro).

● **Tumultos promovidos pela Federação Radical** por causa das curandeiras chinesas, oftalmologistas que resolveriam problemas oftalmológicos, extraíndo vermes dos olhos (26 de Novembro). A agitação é manipulada pelo jornal *Alvorada*, então dirigido pelo advogado Mário Monteiro, um dos discursadores do comício de protesto do dia 26, no Rossio, contra a ordem do governador civil para detenção das chinesas. 18 mortos e 200 feridos. Até Machado Santos esteve quase para ser linchado

● Reunião, em Lisboa, de um **congresso anárquico-sindicalista** (de 11 a 13 de Novembro). Manuel Joaquim de Sousa apresenta tese sobre a juventude. Daqui surgem as *Juventudes Sindicalistas*.

● **Prisões e saneamentos** – No final do ano já há sete centenas de presos políticos. 41 prisões políticas durante o mês de Novembro. De Agosto de 1911 a Julho de 1912 serão 2 383 os presos políticos. 20 prisões políticas em Dezembro. O controverso João Arroio, ex-ministro e deputado da monarquia, é exonerado de professor da universidade (23 de Dezembro).

☐ Agostinho, José: p. 206; Arcos, Joaquim Paço d' (1971): 147, 148; Brandão, II: 23, 25, 69, 84, 88, 89, 99, 101, 103, 105, 106, 109, 112, 122, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 140, 141; Cruz, Manuel Braga da: 248, 251, 253; Lourenço, Joaquim: 101; Marques, Oliveira, XI, 1991: 91, 106, 209, 282, 295, 474, 475, 495, 496; Menezes, Bourbon, 1930: 124; Oliveira, Miguel: 355, 356, 357, 358; Pabón: 144, 158, 160, 161, 163, 164; Pereira, José Pacheco: 32; Pessoa, Fernando (1978): 181; Ramos, Rui: 444, 450, 452, 454, 455, 456, 462, 463, 464; Ribeiro, Ângelo: 477, 478, 484; Serrão, Joel (1958): 75; Teles, Basílio: 45; Valente, Vasco Pulido: 212, 213, 219, 227, 229, 231, 257, 265.

☞ Da esquerda

Facções dentro do partido único

- Não havendo partidos, geram-se facções dentro do partido único que em 1912 se transformam em incipientes organizações com esse nome, mas sem poderem assumir-se como alternativas ao remanescente do partido único, o qual, em 1913 assume o governo em exclusividade.
- Dentro das próprias forças apoiantes do governo, desde logo surgem três sensibilidades, cada qual com o seu jornal. Os afonsistas congregam-se em torno de *O Mundo*, dirigido por França Borges; os chamados conservadores republicanos, preferem *A República*, sob a direcção de António José de Almeida; naquilo que poderemos considerar uma espécie de centro-direita ficou *A Luta*, com a liderança de Brito Camacho.
- Pouco a pouco, essas sensibilidades adquirem bandeiras. Os afonsistas são particularmente activos nos centros urbanos, apoiam-se na Maçonaria e na *nomenclatura* do PRP e, graças ao maior dinamismo organizacional, são os únicos que conseguem uma efectiva implantação nacional.
- Os camachistas conseguem, sobretudo, apoio na zona dos intelectuais e naquilo a que hoje damos o nome de *classe política* da capital.
- Os almeidistas que pretendem assumir as reivindicações da província, tiveram o apoio de muitos quadros históricos do PRP e foram gradualmente constituindo-se como os críticos conservadores do radicalismo afonsista.
- Ambos estes últimos, maioritários na Assembleia Nacional Constituinte, assumiram frontais críticas ao anticlericalismo radical dos afonsistas.
- O velho *Partido Republicano Português*, a partir de 1911, com a saída dos adeptos de António José de Almeida e de Brito Camacho, passa a ser conhecido como *Partido Democrático*, ficando sob a forte liderança de Afonso Costa, apesar de se desenhar uma ala direita, a dos *bonzos*, que será chefiada por António Maria da Silva, e uma ala esquerda, a dos *canhotos*, que terá a liderança de José Domingues dos Santos. Assim, em Fevereiro de 1912, eis que a partir destas dissidências surgem dois novos partidos: os almeidistas instituíram um *Partido Republicano Evolucionista*, que tem como órgão o diário *República* e os camachistas constituíram o *Partido Republicano Unionista*, que tem como órgão o jornal *A Lucta*.
- Os novos partidos, sem ideias alternativas, destacam-se da matriz por meros tacticismos e acabam por ser marcados apenas pelo estilo faccioso das personalidades liderantes da cisão. Isto é, os evolucionistas são sempre almeidistas, e os unionistas camachistas, enquanto na margem esquerda do regime tenta estruturar-se outro grupo, marcado pelas indecisões da personalidade que o mobiliza, Machado Santos.
- Os socialistas que permanecem e que constituem a única garantia do formal pluralismo continuam ineficazes, enquanto os monárquicos

☛ Para a direita ☚

Seguidores de Afonso Costa

- Em 29 de Agosto de 1911 já Afonso Costa anuncia um novo programa político, divulgado no dia 4 de Setembro, para, no dia 1 de Outubro, inaugurar em Lisboa o primeiro *Centro Republicano Democrático*, ao mesmo tempo que formalmente defende a manutenção da unidade do velho PRP, que considera dever ser o partido único da República.
 - Desta forma, obriga os opositores a terem que assumir um acto formal de dissidência, de tal maneira que é na sequência de uma manifestação de carbonários e afonsistas contra os jornais afectos ao *bloco*, em 19 de Outubro, António José de Almeida, em nota publicada em *A República*, de 22 de Outubro, declara-se *independente*, confirmando o abandono do velho PRP.
 - Tudo acontece na véspera do congresso deste mesmo partido, realizado no dia 27 de Outubro, no Coliseu da Rua Nova da Palma, em Lisboa, onde as teses afonsistas são esmagadoramente confirmadas, com a marginalização dos elementos afectos ao grupo de Brito Camacho que nele ainda comparecem.
 - Não tarda que Brito Camacho, em 3 de Novembro, siga o exemplo de António José de Almeida, a que, antes se opusera, declarando formalmente em *A Luta* que a unidade do PRP é impossível.
 - Os afonsistas conseguem 86 deputados nas eleições de 28 de Maio de 1911.
 - Ligados ao GOL, dirigido por Magalhães Lima.
 - Apoiados pelo jornal *O Mundo* de França Borges. Ligados a Bernardino Machado.
 - Integram, a partir de 1913, os chamados independentes agrupados de António Maria da Silva.
 - Criam em 1911 os Voluntários da República, apoiados pela Carbonária e pelo GOL.
 - Dominam os governos de Afonso Costa (1913) e Azevedo Coutinho (1914-1915) e têm três ministros no governo de Bernardino Machado (1914)
- ##### Grupo do directório do Partido Republicano –
- Com Brito Camacho e José Relvas. Tem como órgão o jornal *A Lucta*. Está na base dos unionistas.
 - Domina o governo de João Chagas e têm três ministros no de Augusto Vasconcelos.
 - Os grupos de Camacho e Almeida conseguem 121 deputados nas eleições de 28 de Maio de 1911, formando o chamado Bloco que, em 24 de Agosto desse ano elege Manuel Arriaga como presidente da República.

são proibidos ou seduzidos para a adesão ao novo regime.

●Neste ambiente, as eleições não podem ser enquadradas naquilo que hoje qualificamos como eleições livres. O espaço de liberdade de escolha é revolucionariamente comprimido e nem sequer houve a hipocrisia de o disfarçar. O acto eleitoral de 28 de Maio de 1911 tem mais laivos plebiscitários do que de escolha e chega até a determinar-se que não é preciso ir às urnas em círculos eleitorais onde comparecesse apenas uma lista. Por outras palavras, praticou-se aquilo que se critica no modelo de fabricação eleitoral do regime monárquico.

●A chamada do povo às urnas faz-se de cima para baixo. Agora já não é o embaixador britânico que faz as listas. É o próprio governo que as dita. Melhor: as forças que conseguem penetrar no governo, negoceiam os lugares entre si.

●Acrece que o momento eleitoral de 1911 se prolonga artificialmente. Aqueles que foram eleitos para fazerem uma Constituição elegeram, depois, um presidente da República e transformaram-se em cortes ordinárias, ao contrário do que sucedeu em 1822. Eleitos para fazerem uma constituição, acabam por decidir a entrada de Portugal na Grande Guerra e até adiam as eleições *sine die* em nome dessa circunstância, só sendo renovados depois de mais uma revolução, a de 14 de Maio de 1915, de republicanos contra republicanos, e bem mais sangrenta que a de 5 de Outubro de 1910

Republicanos históricos do Porto

●Com Basílio Teles e Sampaio Bruno. Ligam-se a Machado Santos e José Relvas.

Partido Reformista/Aliança Nacional

●Revolucionários da Rotunda, liderados por Machado Santos. Vão ter como órgão o jornal *O Intransigente*, que dura de 1910 a 1915, considerado a voz dos *verdadeiros carbonários*, isto é, os que, através de António Maria da Silva, não passa a ser a mão de rua do afonsismo. Adeptos da pureza do ideal republicano

●Em 15 de Maio de 1911, num *Manifesto ao Eleitorado Português*, chegam a esboçar uma chamada *Aliança Nacional*. Querem eleger homens honrados capazes de pôr fim ao domínio dos *provisórios*, defendendo *uma república ampla e aberta a todos os portugueses com cérebro e coração de portugueses*, mas não aos *serventuários impudentes da Monarquia*. Dizem-se *união de todos os portugueses honrados* visando pôr fim à *ditadura revolucionária* e a restabelecer a *legalidade normal*.

●São subscritores do manifesto: António Machado Santos, Sampaio Bruno, António Claro, José Carlos da Maia, José Mendes Cabeçadas Júnior, Júlio de Matos, Alexandre Vasconcelos e Sá, José Eugénio Dias Ferreira, Weiss de Oliveira e Aníbal Cunha.

●No início de 1914, o grupo passa a assumir-se como *Centro Reformista*, reunindo António Machado Santos, Augusto Machado Santos, José Correia Nobre França, José Carlos da Maia, José Holbeche Castelo Branco, Manuel Gonçalves de Carvalho e Carlos de Castro Lopes Alpoim, a que também se junta Francisco da Cunha Leal. Depois de muitos deles aderirem ao sidonismo, estão na base da *Federação Nacional Republicana*, criada em 1920.

A República Portuguesa

●Logo em Outubro de 1910 começa a emitir-se o jornal *A República Portuguesa*, que pretende mobilizar a geração da greve académica de 1907, mobilizando nomes como Alfredo Pimenta (1882-1950), Alberto Xavier, Lopes de Oliveira e

Jovens turcos

●Com Álvaro Castro, João Pereira Bastos, Hélder Ribeiro, Américo Olavo, Vitorino Guimarães e Sá Cardoso. Apoiados por Teófilo Braga. Está na base da revolução de 14 de Maio de 1915

Amigos de António José de Almeida

●O chamado ministro da província. Tem a apoiá-lo o jornal *República*. Estão na base dos evolucionistas.

Católicos

●Os católicos emergiram em 1912, em torno do jornal *Imparcial*, com um primeiro número de 12 de Fevereiro, e do regresso à actividade do CADC, reaberto em sessão solene de 8 de Dezembro do mesmo ano, que havia sido fundado em 1901. Os inspiradores teóricos da geração de Cerejeira e Salazar são Maurras, Le Play e La Tour du Pin, invocados desde 1908, quando os fundadores do integralismo ainda eram liberais e republicanos, como António Sardinha. Destaca-se o 2º congresso das Juventudes Católicas, realizado no Porto em 3 de Maio de 1914, onde discursa o quintanista de direito, Oliveira Salazar, sobre *A Democracia e a Igreja*. Mas é só em 1917 que instituem um canónico partido o *Centro Católico Português*, directamente autorizado pela Conferência Episcopal Portuguesa.

Tomás da Fonseca, que assumem oposição a Costa e Bernardino

A Águia

●Na mesma onda, refira-se a criação, em Janeiro de 1912 da revista *A Águia*, de Teixeira de Pascoaes, pretendendo *criar um novo Portugal, ou melhor ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram*. O mesmo Pascoaes que em *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, considera a saudade como o *desejo da coisa ou criatura amada, tornado dolorido pela ausência que animou a alma popular no dia 5 de Outubro... essa última esperança que não devemos deixar morrer*

Anarco-sindicalistas

●Reúnem-se em torno da revista *Terra Livre*. Têm como principal activista Carlos Rates e começam a estruturar a unificação sindical. Criam em 17-03-1913 a União Operária Nacional

Socialistas

●Apresentam-se apenas em 12 dos 91 círculos, nas eleições de 28 de Maio de 1911, recebendo 4 000 em 250 000 votos.